

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 2



Atena
Editora
Ano 2022

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 2



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0695-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.952222211 1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E PRÁTICAS SOCIAIS 2**, coletânea de dezessete capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas análises literárias, contos, romances, poesias, memórias, ensino, música, fonética e fonologia, representações discursivas, língua materna, língua espanhola, ensino virtual, pandemia, artes, TIC's, cultura e currículo.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

CAPÍTULO 1	1
“O VELHO E OS TRÊS MENINOS”, DE EUCLIDES NETO – UMA PROPOSTA DE ANÁLISE	
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222111	
CAPÍTULO 2	10
A CEIA DERRADEIRA: O BEIJO DE JUDAS E A MELANCÓLICA SEPARAÇÃO DA CARNE	
Ester da Silva Albuquerque	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222112	
CAPÍTULO 3	17
A RELIGIOSIDADE NO ROMANCE PERDIÇÃO DE, LUIZ VILELA	
Elcione Ferreira Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222113	
CAPÍTULO 4	28
A PROPÓSITO DE MACHADO DE SILVIANO SANTIAGO	
Lúcia Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222114	
CAPÍTULO 5	38
O CONTEMPORÂNEO NA PERSPECTIVA DO (DA) MOTIVO + AÇÃO, NO CONTO PASSEIO NOTURNO PARTE II DE RUBEM FONSECA	
Ana Patrícia Sampaio Pereira	
Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222115	
CAPÍTULO 6	48
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NEGRA NO CONTO “ARAMIDES FLORENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Savana de Queirós Santiago	
Eldio Pinto da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222116	
CAPÍTULO 7	62
MEMÓRIAS PESSOAIS: A TRAJETÓRIA DE UMA PROCOPENSE DE SUCESSO	
Marilu Martens de Oliveira	
Inês Cardin Bressan	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222117	
CAPÍTULO 8	66
DES(CONSTRUIR) OS EMARANHADOS DA TEIA POÉTICA: O ENSINO DA	

POESIA ORIDEANA NO AMBIENTE ESCOLAR

Jaqueline de Carvalho Valverde Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222118>

CAPÍTULO 9 74

ENUNCIÇÃO EM AÇÃO: UMA ANÁLISE DAS CATEGORIAS DE PESSOA, TEMPO E ESPAÇO NA CANÇÃO *NÃO TENHO MEDO DA MORTE*, DE GILBERTO GIL

Noemi Marques de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522222119>

CAPÍTULO 10..... 79

A RABECA DE MESTRE ZEZINHO NA MÚSICA PARAIBANA

Agostinho Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221110>

CAPÍTULO 11 93

CENÁRIO PÓS-MODERNO, MUSICOLOGIA E NOVOS OBJETOS DE ESTUDO: REFLEXÕES A PARTIR DA ABORDAGEM DE *SAMBA MAKOSSA* DE CHICO SCIENCE E *VÓ IMBOLÁ* DE ZECA BALEIRO

Davi Ebenezer Ribeiro da Costa Teixeira

Magda de Miranda Clímaco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221111>

CAPÍTULO 12..... 104

CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA FLUÊNCIA LEITORA

Alnezi do Rego Montero Morales

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221112>

CAPÍTULO 13..... 117

DISCURSO DO DIA 24 DE MARÇO DE 2020 SOBRE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL E AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS CONSTRUÍDAS DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO

Neire Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221113>

CAPÍTULO 14..... 128

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NO BRASIL

Silvana Maria Aranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221114>

CAPÍTULO 15..... 137

ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA, COM ÊNFASE NA COMPETÊNCIA

COMUNICATIVA, EM FORMATO VIRTUAL, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Maria Auxiliadora de Jesus Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221115>

CAPÍTULO 16..... 154

O TOM DO BEM: O USO DAS ARTES E DAS TICS NA PROMOÇÃO DA CULTURA DA PAZ NA ESCOLA MARIA NOSÍDIA

Marinês Juliana Carvalho Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221116>

CAPÍTULO 17..... 169

A APLICABILIDADE DA IMPLEMENTAÇÃO DO REFERENCIAL CURRICULAR DE RONDONIA COMPONENTE EDUCAÇÃO FÍSICA - EM TEMPOS DE PANDEMIA

Cleidimara Alves

Alan Raniere

Edilene Jesus de Araújo

Marcio Rodrigues Fagundes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95222221117>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 173

ÍNDICE REMISSIVO..... 174

CAPÍTULO 3

A RELIGIOSIDADE NO ROMANCE PERDIÇÃO DE, LUIZ VILELA

Data de submissão: 14/10/2022

Data de aceite: 01/11/2022

Elcione Ferreira Silva

Graduação em Letra pela Universidade Estadual de Mato Grosso, Mestrado em Estudos Literários (UNEMAT), Doutoranda em Letras pela (UFMS)
<http://lattes.cnpq.br/1191887529604487>

RESUMO: O romance *Perdição* (2011), de Luiz Vilela tem como enredo a história de um pescador chamado Leonardo que é também conhecido como Leo. Casado e pai de uma menina. Na adolescência seu passatempo favorito, se não único, era pescar no lago, com o melhor amigo, Ramon. A narrativa é conduzida pelo Jornalista Ramon, narrador testemunha. A partir da história de um jovem pescador que se torna pastor evangélico. Luiz Vilela emprega o sagrado cristão, retomando figuras bíblicas. Destaca-se na narrativa o embate do cristianismo corrompido pela religião. Um dos dilemas vivenciado pelo personagem principal é a comercialização da fé. O Romance é fortemente marcado pela dicotomia sagrado-profano. O homem em *Perdição* busca o sucesso, é um homem que confronta o sagrado e opta por uma compreensão profana da religiosidade. Os

elementos estéticos do sagrado e do profano são estabelecidos de modo bastante radical pela banalização da fé, por meio desta, Luiz Vilela evidencia a constituição do homem em ruínas. A personagem em *Perdição* perdi a fé a família a identidade, perdi a si mesmo, e o caminho foi a religião. Como fundamentação teórica: Eliade, (1991). **Imagens e símbolo.** Eliade, (1992). **O sagrado e o profano.** (1976). Friedman, (2002). **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico.** **PALAVRAS-CHAVE:** Luiz Vilela; *Perdição*; Religião.

RELIGIOSITY IN THE NOVEL PERDIÇÃO BY LUIZ VILELA

ABSTRACT: The novel *Perdição* (2011), by Luiz Vilela, has as its plot the story of a fisherman named Leonardo who is also known as Leo. Married and father of a girl. As a teenager, his favorite, if not only, hobby was fishing in the lake with his best friend, Ramon. The narrative is led by Journalist Ramon, witness narrator. From the story of a young fisherman who becomes an evangelical pastor. Luiz Vilela employs the sacred Christian, taking up biblical figures. The clash of Christianity corrupted by

religion stands out in the narrative. One of the dilemmas experienced by the main character is the commercialization of faith. The Romance is strongly marked by the sacred-profane dichotomy. The man in *Perdition* seeks success, he is a man who confronts the sacred and opts for a profane understanding of religiosity. The aesthetic elements of the sacred and the profane are established in a very radical way by the trivialization of faith, through this, Luiz Vilela highlights the constitution of man in ruins. The character in *Perdition* lost faith, family, identity, lost himself, and the path was religion. As a theoretical foundation: Eliade, (1991). **Images and symbol.** Eliade, (1992). **The sacred and the profane.** Friedman, (2002). **The point of view in fiction: the development of a critical concept.**

KEYWORDS: Luiz Vilela; *Perdition*; Religion.

1 | INTRODUÇÃO

Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba, Minas Gerais, em 1942, e aos 24 anos ganhou o Prêmio Nacional de Ficção, em Brasília, com seu primeiro livro, **Tremor de terra** (1967). Desde então, tornou-se reconhecido pela crítica, figurando como um dos mais representativos autores da literatura brasileira contemporânea. Acumulou diversas outras premiações, inclusive o Prêmio Jabuti, em 1974, pela coletânea de contos **O fim de tudo** (1973). Luiz Vilela é um escritor que se destaca no panorama nacional pela qualidade estética de sua produção literária. Ficção composta atualmente de sete coletâneas de contos, três novelas, cinco romances, além de quinze antologias individuais.

Este artigo tem como tema o sagrado e o profano no romance **Perdição** (2011). Para tanto, temos por sagrado, segundo Ferreira (2006, p. 721), aquilo “Que se sagrou ./Relativo às coisas divinas, à religião; sacro, santo./Venerável; santo”, e, por profano: “estranho à religião./Contrário ao respeito devido a coisas sagradas./Não sagrado” (FERREIRA, 2006, p. 656).

Dialogaremos com Mircea Eliade, em **O sagrado e o profano** (1992), ao definir, de acordo com a etimologia da palavra, que o sagrado manifesta-se em oposição ao profano. Nessa perspectiva, o homem toma consciência dele justamente por essa oposição. Conforme o referido autor (1992, p. 14): “O leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história”.

A manifestação do sagrado para Eliade (1992) só é possível porque este se revela por hierofania: o sagrado pode se manifestar em árvore, pedra, em qualquer coisa. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente.” (ELIADE, 1992, p. 13).

O romance **Perdição**, é estruturado em três capítulos, intitulados: “O rapaz dos peixes”, “Pastor das Almas” e “Ninguém”. A narrativa situa-se na cidade ficcional, Flor do Campo. Relata a história do pescador Leonardo, ou Leo, como gosta de ser chamado. É casado e pai de uma menina. A narrativa é conduzida pelo jornalista Ramon. Ao iniciar o

relato, Ramon tem 27 anos e Leonardo, 25. Escolhe como moldura de abertura apresentar lembranças da adolescência de momentos significativos compartilhadas com o personagem central, o cenário presente nessas lembranças é o espaço do Lago, onde os dois amigos iam pescar quando eram adolescentes. Na estrutura do romance fica clara a intenção dos personagens de se relacionar com o divino através do fenômeno religioso. É também a partir dessa realidade que adentra o espaço do profano.

Valter Kuchenbecker em **O Homem e o Sagrado** afirma que em um passado nem tão distante, a religião era o centro do universo, mas atualmente essa realidade toma outro viés. Contudo, o homem continua demonstrando sua preocupação com o divino. A preocupação com o divino é manifestada em várias formas, nas mais diversas culturas. “Na verdade, todas as pessoas têm um deus, no sentido de que todas colocam alguma coisa em primeiro lugar na vida: dinheiro, poder, prestígio, o ego, a carreira, o amor, algo que consideramos poder supremo em nossa vida” (KUCHENBECKER, 1998, p. 16). Diante das diversas formas de entender o sagrado e o profano, os fenômenos religioso e a-religioso, as personagens de Luiz Vilela parecem ter sempre como *part-pris* a visão cristã proposta pela Igreja Romana. Entretanto, como teoriza Jean-Pierre Vernant, nenhuma “religião é simples, homogênea, unívoca”, uma vez que, “[m]esmo nos séculos VI e V antes da nossa era, quando o culto cívico, tal como o evocamos, dominava toda a vida religiosa das cidades, não deixavam de existir ao lado dele, em suas franjas, correntes marginais” (VERNANT, 2006, p. 10). O diálogo, no entanto, entre o cristianismo e as religiões arcaicas — como, por exemplo, o politeísmo da Grécia clássica — faz sentido por meio do mito que se projeta arquetipicamente, criando uma tensão: por vezes o que nos parece sagrado sob o aspecto do cristianismo configura-se uma dessacralização sob o aspecto do mito.

Eliade (1992, p. 49) explica que os Seres divinos, nos primórdios, estavam ativos sobre a Terra. A nostalgia das *origens* é religiosa. O homem deseja esse reencontro, da perfeição dos primórdios que explica o retorno periódico no tempo. A nostalgia do Paraíso do mundo cristão faz parte desse processo, apesar do contexto religioso e ideológico ser totalmente diferente do contexto do judaísmo e do cristianismo. Mas o desejo de viver na presença divina e num mundo perfeito corresponde à nostalgia de uma situação paradisíaca que conduz à contínua reincidência de um número limitado de gestos e comportamentos. O homem religioso — das sociedades primitivas em especial —, pode se dizer, está paralisado pelo mito do eterno retorno. O retorno periódico ao Tempo sagrado da origem não é uma recusa do mundo real e uma evasão no sonho e no imaginário, mas uma obsessão ontológica, aliás, característica essencial do homem das sociedades primitivas e arcaicas, ao mesmo tempo sede do sagrado e nostalgia do Ser. No plano existencial, isto corresponde à certeza de poder recomeçar periodicamente a vida com uma visão otimista da existência e uma adesão total ao Ser. “Por todos os seus comportamentos, o homem religioso proclama que só acredita no Ser e que sua participação no Ser lhe é afiançada pela revelação primordial da qual ele é o guardião. A soma das revelações primordiais é

constituída por seus mitos” (ELIADE, 1992, p. 50).

Dioniso é o mito, o sagrado, sua insurgência arquetípica se faz presente na contemporaneidade. Na modernidade, argumenta Maffesoli (2003, p. 12), vigorou a figura do homem adulto e realizado, na pós-modernidade nasce o mito do *puer aeternus* (eterno jovem), se propaga “a sombra de Dioniso” em nossas megalópoles. “Daí a importância do festivo, a potência da natureza e do entorno, o jogo das aparências, o retorno do cíclico acentuando o destino, coisas que fazem da existência uma sucessão de *instantes eternos*” (MAFFESOLI, 2002, p. 12). Há referência a Dioniso na **Iliada** e na **Odisséia**, mas sem definir nada a seu respeito. Cem anos depois, a Grécia será outra sob seu domínio. Apolo representa, ensina e ordena com gesto belo, porém severo, Dionísio contrapôs e conseguiu fazer triunfar pela sua divina loucura. Os gregos passaram, desde então, a render culto à exaltação visionária, ao pensar maniático. “Dioniso é a visão extática de um Ultramundo que é a verdade *deste* nosso mundo. É a religião visionária” (ORTEGA Y GASSET, 1978, p. 75). Vemos a aporia entre Apolo e Dionísio como um dos fundamentos dos conflitos humanos tais como eles são encenados na obra de Luiz Vilela, e não só porque o próprio escritor — formado em Filosofia na UFMG no início dos anos 1960 — já mencionou Gasset como uma de suas leituras prediletas.

A religião grega tem um caráter difuso, atmosférico, respiratório. As cerimônias e ritos da religião antiga são substancialmente culto, portanto, diversas do Cristianismo que se efetiva na fé. Temos, então, com os gregos a revelações ao homem do transmundo. Nelas não é o caso de encontrar Deus por meio da solidão, mas ‘por-se fora de si’, “deixar-se absorver por uma extra-realidade, por *outro* mundo melhor que de súbito, no estado excepcional e visionário, se faz presente, logra sua epifania” (ORTEGA Y GASSET, 1978, p. 71). Além disso, a religião não era entendida à parte do resto da vida, bem como não se sujeitava às precisões e rigorosas cristalizações de uma dogmática teológica estabelecida por grupos particulares de sacerdotes. O ato religioso fundamental, no caso, não é a prece individual, a *oração*, mas a grande cerimônia coletiva com dança, canto e procissão como parte do ritual que, aliás, o Cristianismo absorveu também. Tem-se aí um estado de exaltação religiosa, profunda e patética, como fundo sobre um festival coletivo de folguedo e orgia. O carnaval é o único comportamento coletivo que permaneceu no Ocidente que traz marcas das festas orgiásticas sobrevivente na Europa. A bacanal carnavalesca atrofiou, tendo sido extirpado o Deus. O sentido festival da vida morreu com a religião cristã. As ruínas da morte do desejo é um dos temas reiterados a cada momento na obra de Luiz Vilela.

2 | A NARRATIVA DE PERDIÇÃO

O romance **Perdição** foi publicado em 2011, refletiremos o sagrado e o profano a partir do cristianismo, O tema da fé, mais especificamente da religião, na obra *Perdição*, ocorre de maneira funcional, carecendo do leitor um olhar mais preciso e vertical, de modo

que seja possível enxergar alguns mecanismos de composição narrativos que acabam por presentificar uma prosa que urde por uma espécie de dessacralização do divino. Na narrativa as questões que envolvem o espaço, comercialização da fé, as ressonâncias bíblicas, o ceticismo do narrador e, também, aquilo que pode ser compreendido como uma pureza perdida dentro da realidade diegética de **Perdição**. Esses pontos, em específico, convergem unicamente para a criação dessacralizadora que a narrativa empreende, revelando que o protagonista Leonardo recebe uma estruturação de personagem que o molda como a representação de um sujeito que está em trânsito não apenas emocional, mas também espiritual.

Referimo-nos à questão narratológica do narrador principal, Ramon, testemunha ocular em alguns percursos empreendido pelo protagonista Leonardo. Nessa perspectiva, é importante que ressaltemos o caráter de parcialidade a qual o texto vileliano está envolto. *Perdição* se perfaz em uma narrativa em primeira pessoa orquestrada por um narrador-testemunha, que relata os fatos de maneira externa, incrédula. Não é, necessariamente, uma participação efetiva desse narrador no que concerne à problematização experienciada por Leonardo, mas sim uma visão extrínseca de um personagem que decide narrar a experiência do outro de modo que isso o alivie de alguma maneira – provavelmente pela morte do amigo. Narrar, com efeito, dadas essas considerações, funciona como um ato afetivo de recordação para aquele que fora desde sempre seu melhor amigo.

Temos um narrador que se denomina ateu e que se dispõem a relatar a experiência religiosa do amigo. Existe diferentes formas religiosas de se relacionar com o sagrado, a forma que o narrador Ramon, elege, é o ateísmo: acredita que não há ser superior. Percebemos esta posição do narrador Ramon, em diversos momentos da narrativa, como na conversa entre o narrador e Leo, é a forma como o narrador se referia:

Ramon; você não acredita em nada...”“Acredito”, eu disse; “acredito, sim. Quem disse que não acredito?” (VILELA, 2011, p. 131).

“Então me diga: em que você acredita?”

“Eu acredito na mula sem cabeça.”

[...] eu acredito que a humanidade só vai realmente progredir o dia em que o último deus for enforcado na tripa do último homem que nele crê.”

[...] mesmo que esse dia chegasse, a humanidade não progrediria nada; talvez até piorasse. (VILELA, 2011, p. 132).

Os exemplos, acima, dão uma ideia da configuração do modo com este narrador constrói seu ponto de vista, totalmente descrente da existência de Deus, é um homem profano. Para Ramon, a crença é a perdição da humanidade, mas também não acredita na humanidade. Ramon possui bastante conhecimento sobre diversas formas religiosas ele nega todas elas com muita consciência. Como bom Jornalista que é, utiliza desse atributo, e escreve *non credo* para dessacralizar a figura de Deus:

Não creio em Deus nem que alguém criou o céu e a terra. Não creio que Jesus Cristo é filho de Deus. Não creio no espírito santo. Não creio, pois não sou doido nem idiota, que alguém nasceu de mulher virgem e depois de morto ressuscitou. Não creio na Igreja Católica, nem em qualquer outra igreja. Não creio em santo, nem em pecado, nem na ressurreição da carne, nem na vida eterna. Amém. (VILELA, 2011, p. 143).

Já Leonardo, ou Leo, era católico, mas não costumava frequentar a Igreja. A vida de pescador e de ingenuidade de Leo é transformada a partir do momento que conhece um grupo de pastores que estavam perdidos próximos ao lago onde o personagem buscava seu sustento. Esses pastores convida o pescador a conhecer, Mister Jones, chefe da Igreja Mundial do Senhor Jesus, com sede no Rio de Janeiro.

No melhor hotel de Flor do Campo, Leo vai ao encontro com Mister Jones, e reconhece que ele: “é um cara muito interessante, Ramon...” “pelo menos um bom papo ele tem...” (VILELA, 2011, p. 53). É nesse espaço que a personagem recebe a proposta para ser pastor e idealiza a possibilidade de uma vida diferente. Dois dias depois da conversa com Mister Jones vai ao Jornal e pergunta a opinião de Ramon “o que você acha em eu entrar para igreja” (VILELA, 2011, p.63) ouve uma resposta negativa por parte do amigo. Ao encontrar com Mister Jones, Leo vive um momento epifânico, fica deslumbrando pelo modo como Mister Jones se veste, com o carro, o comportamento, a oratória, o espelho de quem a personagem quer ser.

No primeiro momento pensa em não aceitar, alegando que não tem vocação para ser pastor, por ser apenas um pescador. Porém, Mister Jones tem muitos argumentos para convencê-lo; a princípio, o quanto lucraria com a profissão; outro forte exemplo que Mister Jones utiliza, é do contexto bíblico, o de que “[h]á dois mil anos um outro homem – simples e também pescador como Leo –, um homem chamado Pedro, foi convidado por um certo Jesus Cristo a pregar a palavra de Deus” (VILELA, 2011, p.45). Leo justifica mais uma vez dizendo que se deixasse a pesca não teria como sobreviver, e o pastor cita outra passagem bíblica para seduzi-lo: “lembre-se ‘o senhor é meu pastor, nada me a de faltar” (VILELA, 2011, p. 46). O discurso bíblico é evocado em diversos momentos na narrativa. Para o cristianismo, o texto bíblico é associado a um caminho que conduz os fiéis ao encontro com o sagrado. Assim, a Bíblia seria o símbolo máximo de integração e de ligação com o Criador. A personagem Leo é uma ressignificação profana do apóstolo Pedro.

Na história judaico-cristã, Pedro é um dos doze apóstolos de Jesus. Ele se destaca por sua humanidade. O seu primeiro nome é Simão, que significa inconstante ou aquele que ouve, Jesus, muda o seu nome para Pedro, que possui o sentido de rocha, pedra e firmeza. Isso sinalizava uma grande mudança em sua vida (Marcos 3:16). Leo quando aceita a ser pastor quer ser chamado de Pastor Pedro. Portanto, a personagem até troca de nome, porém, sua vida é muito mais de inconstância do que de firmeza; a sugestão de que tenha uma identidade com base no homem santo, fica longe disso, até porque a personagem em questão não se destaca por sua humanidade, mas se destaca por muitas

manipulações.

A religião preconizada por Mister Jones é uma religião moderna (e gananciosa) feita para os homens do terceiro milênio. Faz uma crítica ao catolicismo dizendo que os temas centrais são a miséria, o sofrimento e a morte, porém, a Igreja Mundial do Senhor Jesus é uma religião alegre. Profaniza a cruz ao destitui-la como símbolo de sua religião, alegando que remete à dor. Seu símbolo é o “coração que só lembra o amor” (VILELA, 2011, p.55). Todavia, o que ocorre é uma subversão da crença cristã, do sagrado, pois a igreja de Mister Jones é fundada tendo por valor o enriquecimento de seus líderes, que se valem do nome de Deus para comercializar a fé. Em *Perdição*, o tema da comercialização da Fé, a religião como Lucro, é importantíssimo para se entender a dinâmica da narrativa. O romance nos mostra a inversão do sentido religioso ritual e devocional para a lógica da exploração econômica e comercial da fé. Leo mostra a Industrialização dos milagres para iludir e arrecadar. Todos os assuntos visam o tema central: a comercialização da fé, apontando a igreja como verdadeira empresa exploradora do sagrado, indústrias de milagres e investidoras na religião. Na atualidade é fácil perceber, os desvios doutrinários dos ensinamentos bíblicos praticados pelos pregadores, que em nome de Jesus fazem fortuna em proveito próprio explorando o povo simples, humilde e carente. Mostra a inconsequência dos pregadores, que se fantasiam de cantores, artistas, homens-shows e com seus dons pessoais nada sacrais transformam o culto e o ritual em festa profana bem ao gosto das multidões irracionais e emotivamente desviadas do conteúdo religioso.

O Profano faz-se presente com a postura do personagem em despertar para uma questão além da religião ele pensa no glamour. Diante disso, pensamos nas reflexões de Lipovetsky, 2005, sobre o que tem sido a abordagem sobre o luxo. Para o estudioso, a questão provocou uma longa e venerável tradição de pensamento, que se inaugura com a filosofia grega, encontra sua apoteose no século XVIII com a famosa “querela do luxo”. (LIPOVETSKY, 2005, p.13).

As expectativas e os comportamentos relativos aos bens caros segundo Lipovetsky (2005, p.16) “não são mais o que eram”. Nossa época vê manifestar-se o “direito” às coisas supérfluas para todos, o gosto generalizado pelas grandes marcas, o crescimento de consumos ocasionais em frações ampliadas da população, uma relação menos institucionalizada, mais personalizada, mais afetiva com os signos prestigiosos.

No processo de mudança para ser pastor busca uma segunda opinião e vai até a casa da Luzia cega, uma vidente que lhe orienta a não deixar sua casa ‘o chamado não é de Deus’, ela disse. ‘Então de quem é?’, eu perguntei. Ela ficou um minuto em silêncio. Ai ela disse: ‘Ele está escondendo, eu não consigo ver... Um espírito do bem não faz isso.’ ‘Então é um espírito do mal?’, eu perguntei. ‘Não é do bem, é do mal’, eu disse (VILELA, 2011, p. 68). chamado de Deus” (VILELA, 2011, p. 113). Leo não está seguro da decisão que tomou e nessa dúvida, o misticismo, as visões, de Luzia cega, é bem substancial na funcionalidade da narrativa.

Passados alguns meses Leo reaparece no Jornal em Flor do Campos, agora como Pastor Pedro, temos mais uma epifania ao revelar “O pescador Leonardo” não existe mais” (VILELA, 2011, p. 129). Ramon já não o reconhece. Leo sempre retoma ao espaço do Jornal para se confessar ao amigo, Ramon. Na segunda vez que ele aparece depois de está morando no Rio, acontece outra epifania, revelada ao dizer a Ramon, que ao visitar Luzia, esta o alerta que ainda há tempo de voltar atrás na decisão de ser pastor, mas a personagem ignora as iluminações sugerida pela vidente. A figura da vidente na tomada de decisão de Leo, mostra o quanto ele está perdido na sua crença, como um futuro pastor se presta a procurar a uma vidente para tal feito? Essa questão evidencia que o texto de Luiz Vela está impregnado de sincretismo religiosos.

A feira, onde Leo vendiam seus peixes quando era pescador, é um espaço bastante significativo na atuação do personagem como Pastor Pedro, confortável com seu ofício, um pastor das Almas. Nesse espaço pratica a cura de uma enfermidade a qual acometia seu antigo colega de trabalho, Mosquito. Porém, o personagem terá um momento bastante esclarecedor, por não ter acatado as revelações da vidente. Kelly filha de Leo sofre um acidente e fica paraplégica, ao visitar a menina no hospital:

Ocorreu então a cena que várias pessoas testemunharam e que, a meu ver deflagrou a outra e maior tragédia que algum tempo depois viria, confirmando o dito popular de uma desgraça nunca vem só – ou desgraça pouca é bobagem. Leo chegou e foi direto para o quarto. [...] Depois de choros, abraços e beijos – em suma, de muita alegria e muita dor misturada -, a menina diz: “Papai, eu quero levantar: me cura!” Leo passa a mão no rosto dela, olha para os lados, para as pessoas, Gislaíne principalmente. A menina, disseram, que já tinha visto cura pela a televisão as “curas” do pai, do Pastor Pedro. “ Eu quero dançar de novo, Papai : me cura!” Leo então – sempre segundo o que me contaram – se afasta da cama, fecha os olhos, fica um instante em silêncio, e com ele todos os que se encontram no quarto àquela hora. Depois respira fundo, ergue as mãos para o alto, olha para a menina e diz: “Pelos poderes da fé e em nome do senhor Jesus, eu te ordeno: Kelly, levanta-te e anda!” Preciso contar o resto? Sim, preciso, Kelly, é claro, não andou: não moveu, literalmente, um dedo. Leo olhou-a, olhou-a, e no meio daquele silêncio horrendo, ouve só uma frase, tênue, balbuciada pela menina: “Eu não dei conta, Papai; eu não dei conta de levantar...” Leo então, sem dizer nada, saiu de repente do quarto[...] (VILELA, 2011, p. 225-226).

Nesse ponto da narrativa temos a segunda parte da epifania, a análise da percepção, a consciência da *harmonia* das partes dos objetos observado. “Se antes sentia que ela é uma coisa agora ela é coisa” (VIZIOLI, 1981, p.30). A citação acima, traz de certo modo, resquícios dos primeiros atos que veio dos pastores que estavam perdidos, resultado dessa revelação é que o personagem passa a ter consciência do quanto está perdida, foi conveniente comercializar a fé, mas no momento de desespero quer se valer dela para salvar a sua própria filha, se esquecendo que sua fé não passa de uma simulação. Se antes Leo anunciava está perdido, agora ele tem certeza. Desdobramento dessa revelação fica a cargo do último capítulo intitulado “Ninguém”.

O seu espaço como ninguém começa na Pensão da Nenzinha, ambiente familiar, que Leo encontra abrigo ao voltar a morar em Flor do Campos. A generosidade da dona da Pensão, deve-se ao fato, de que quando Leo era pescador selecionava para ela os melhores peixes. Nesse espaço demonstra um Leo tristonho com medo, enclausurado em um quarto escuro com as janelas fechadas. O sanatório, outro espaço de decadência na trajetória de Leo. No começo do mês de junho dona Nenzinha avisa o irmão de Leo sobre o comportamento estranho do mesmo, o irmão o interna. Depois do tratamento Leo parece estar mais animado.

As epifanias são formadas por partes que constituem o todo, portanto, em tempo e espaços diferente. Leo vive entre dois espaços distintos: o primeiro, a cidade de Flor do Campo, espaço a princípio de tranquilidade; porém ao retornar a este mesmo lugar tem-se um Leo tomado por angústia e sofrimento. O outro espaço é o Rio de Janeiro, onde encontra um mundo de ostentação. Procura convencer a todos do poder que tem como pastor, até mesmo o de curar os enfermos. Nesse espaço já não é mais o Leo que habita nele, e sim o pastor Pedro; seu espírito é profanado por buscar os prazeres terrenos, o que desencadeia muitos sofrimentos. Ao transitar entre esses dois espaços, Leo não sabe a que identidade pertence, se a do passado ou a atual. Conforme Eliade (1992, p.17), há um espaço sagrado, significativo, e há espaços não sagrado. O espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso, trata-se de uma orientação prévia que se instaura a partir de um ponto fixo. Está nisto a preocupação do Centro do Mundo: “Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no ‘caos’ da homogeneidade e da relatividade do espaço profano” (ELIADE, 1992, p.17). O lago do pescador Leo é o espaço sacralizado pela personagem; o Rio de Janeiro é o espaço do profano, da perdição. O retorno ao espaço de origem se mostra impossível, e o lago se torna o túmulo daquele que optou em ser Pedro.

A relação da personagem com o lago suscita uma atmosfera de mistério e provoca em Leo um desejo estranho. Desejo que Leo revela a Ramon - quando morrer quer ser jogado no lago para que os peixes se alimentem de seu corpo. Esse desejo acaba se concretizando:

[...] ele foi entrando na água, andando de pé e sempre olhando lá para a frente, como se ele estivesse vendo alguma coisa. Mas o quê? O que ele podia estar vendo, se não havia nada lá na frente? E aí, de repente, ele sumiu. Ele sumiu de uma vez na água, na água. Sumiu. [...] O dia, 29 de junho, dia de São Pedro. Intencional? Mera coincidência? Jamais saberíamos. (VILELA, 2011, p. 372).

O corpo de Leo é encontrado no lago dias depois, graças à intervenção de uma vidente. Nessa citação, apreende-se o sagrado por meio do simbolismo da água. A água é substância líquida que flui, fonte de vida, signo das virtualidades, elemento regenerador, de pureza e de fertilidade. Para Eliade, as águas possuem um valor sagrado, “elemento

cosmogônico”, “matriz de todas as possibilidades de existência”(ELIADE, 1991 p. 141). Eliade explica que a emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a Morte como o Renascimento.

Vale ressaltar que a água se configura como metáfora da confluência do profano e sagrado. A personagem, ao imergir nas águas, se lermos tal passagem nos termos do cristianismo, lavaria os seus pecados e deixaria as impurezas do mundo mundano. No entanto, o narrador, incrédulo, dessacraliza tal possibilidade. A cena que evoca o batismo, o sagrado, torna-se, no âmbito do romance de Luiz Vilela, símbolo de morte e de dessacralização. Como o próprio título do romance anuncia e circuito de **Perdição**, Leo se suicida por não saber quem de fato é, não soube ser Leo, Leonardo, e nem pastor Pedro mostrou-se perdido em todos os contextos dos quais viveu.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo contemplado primeiramente por uma certa ingenuidade é transformado em ambição. O homem de **Perdição** opta pela luminosidade das propostas materiais sem se dar conta da obscuridade que viria pela frente, como forma de castigo, dentro de um ideal cristão. Leonardo vive várias transformações, e o narrador, na moldura que evoca o universo bíblico, dessacraliza, irônico, demolidor, cada laivo de crença no sagrado que surge.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos.** Trad. Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Trad. Rogério Fernandes: São Paulo. Livros do Brasil, 1992.

FERREIRA, A.B.H. **Mini dicionário Aurélio.** 6.ed. Curitiba: Positivo, 2006.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico.** *Revista USP*, São Paulo, n.53, p.166-182, março/maio 2002.

KUCHENBECKER, Valter. **O Homem e o Sagrado.** 5.ed. Canoas:ULBRA, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles e ROUX, Elyette. **O Luxo Eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

ORTEGA Y GASSET, José. **A ideia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins fontes, 2006.

VILELA, Luiz. **Perdição**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

VIZIOLI, Paulo. **A poética de Joyce**. In: **James Joyce e sua obra literária**. São Paulo: EPU, 1981. p. 27-30.

A

Análise 1, 2, 10, 12, 24, 31, 35, 38, 39, 48, 50, 51, 52, 60, 74, 83, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 135

Artes 89, 136, 139, 154, 155, 156

C

Contos 16, 18, 41, 42, 49, 50, 59, 113

Cultura 1, 31, 36, 39, 43, 56, 62, 63, 80, 82, 84, 89, 90, 91, 92, 95, 97, 99, 101, 109, 132, 134, 146, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 166, 167, 173

Currículo 115, 141, 155

D

Descrição 11, 42, 58, 106, 120, 164

E

Ensino 62, 66, 68, 73, 89, 91, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 115, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 148, 150, 152, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 163, 164, 167, 170, 173

Ensino virtual 152

F

Fonética 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 115, 116

Fonologia 104, 105, 106, 108, 113, 115, 116

L

Letras 16, 17, 26, 37, 47, 61, 65, 66, 73, 90, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 117, 136, 137, 138, 140, 141, 145, 147, 152, 154, 173

Língua Espanhola 137, 138, 140, 141, 146, 147, 149, 151

Língua materna 115, 128, 129, 130, 132

Linguística 28, 29, 71, 72, 74, 78, 104, 107, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 127, 128, 129, 131, 132, 135, 143, 173

M

Memórias 62, 63, 64, 65

Música 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 139, 155, 160, 164

P

Pandemia 117, 118, 119, 126, 137, 138, 139, 140, 142, 145, 148, 150, 151, 152,

153, 169, 170

Poesias 132

R

Representações discursivas 117, 118, 119, 123, 126, 127

Romances 18, 28, 32, 36, 41

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 **Atena**
Editora
Ano 2022